

## APRESENTAÇÃO

---

*Eu sou apenas uma, mas ainda sou uma. Não posso fazer tudo, mas ainda posso fazer algo; e, não é porque não posso fazer tudo, que me recusarei a fazer algo que posso fazer.* (Helen Keller, 1880 - 1968)

*Foi então que busquei uma passagem secreta nesse beco sem saída que é tornar-se ou nascer com deficiência no Brasil. E essa passagem secreta chama-se Arte.* (Billy Saga, 1977 -)

No campo cultural, nos debates, nos cursos e nas rodas de conversa sobre o tema da inclusão das pessoas com deficiências, nos processos de criação e elaboração de projetos que envolvam direta ou indiretamente esse segmento, é recorrente a expectativa por um cenário no qual necessidades mais prementes já estejam superadas, um tempo no qual ações inclusivas encontrem-se interiorizadas.

Essa utopia vislumbra um futuro no qual o convívio social se apoie em experiências de diálogos constantes sobre as diferenças e conflitos humanos, onde são garantidas oportunidades equânimes, e em relações tecidas por laços de respeito e solidariedade.

Na construção desse processo, entende-se a cidadania pelas especificidades, não mais para estas pessoas, mas para todos, abrindo-se para as mais diversas perspectivas de ver e viver o mundo, concebendo de forma ampla e irrestrita a condição humana.

Antes, era comum abordar a questão em termos de ausências, de obstáculos, de dificuldades. As transformações positivas resultantes das conquistas sociais possibilitaram abranger novos aspectos sobre a condição da deficiência, para além do campo técnico e médico.

Ampliaram-se, assim, os repertórios, com a constituição de marcos teóricos e ações pela participação plena que trouxeram novos referenciais e práticas relacionadas às pessoas com deficiência, e transformaram a maneira como se passou a fazer e a pensar tais questões no campo cultural.

Nesse sentido, o desenho universal faz parte de uma alteração conceitual que se une a uma série de outras, expressando aspirações por mudanças sociais assentadas em pontos de vista que contemplam uma grande pluralidade de percepções. Liberadas as diferenças, afloraram no cenário contemporâneo novas imaginações e formas de viver coletivamente nos espaços urbanos.

A acessibilidade não é um conceito exclusivo da experiência e da luta por direitos das pessoas com deficiência. A própria noção de deficiência é abrangente e fluida – no Brasil, 45 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência, faixa significativa da população –, alcançando múltiplas dimensões da vida pública e privada.

A escolha do tema da *acessibilidade cultural* nesta edição da Revista do Centro de Pesquisa e Formação não se fez apenas pela necessidade urgente de se discutir o assunto nos dias de hoje, mas, também, por ser de fundamental importância na concepção criadora do Sesc, integrando um conjunto de outras iniciativas, presentes de forma sistemática em programações realizadas no decorrer da trajetória da instituição.

Superar os obstáculos atitudinais, assumir um comportamento acolhedor e de interação com as pessoas com deficiência, criando atividades e situações propícias a seus potenciais e aptidões, faz parte dessa ação sociocultural.

A concepção acessível beneficia a todos. As atividades culturais pensadas desta forma, tendo como intenção criar espaços e experiências nos quais as diferentes maneiras de ser e se expressar possam ser vivenciadas com naturalidade e respeito mútuo oportunizam não apenas programações para pessoas com deficiência, mas para pessoas.

Em convergência com tais pressupostos e reflexões, o dossiê temático desta edição tem a intenção de pensar sobre os conceitos de *acessibilidade cultural* correntes na atualidade; sobre a ocupação das cidades, seus espaços e suas arquiteturas – e como estas são percebidas e apropriadas pelas pessoas com deficiência; sobre as políticas públicas dirigidas a assegurar direitos a uma cidadania plena; sobre a participação e formação cultural, bem como sobre as produções artísticas.

E não seria demais ressaltar que esse comprometimento está também expresso na adesão à máxima criada pelo Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil: *nada sobre nós, sem nós*. O que se concretiza no fato de metade dos convidados a escrever neste dossiê serem pessoas com deficiência, e os outros estarem envolvidos profundamente com tais questões.

Em “A Cultura da Acessibilidade: desafios à produção artística brasileira”, Carolina Teixeira propõe o aprofundamento das noções que compõem a *acessibilidade cultural* no contexto atual extrapolando a ótica assistencialista, bem como discutindo o aparato legal que oferece equidade de oportunidades para artistas e consumidores com algum tipo de deficiência.

No artigo "Acessibilidade Cultural para Pessoas com Deficiência - benefícios para todos", Viviane Panelli Sarraf discute o conceito de *acessibilidade cultural* à luz das ações de mediação e comunicação sensorial para refletir sobre a concepção de curadoria acessível, termo cunhado por ela, entendido como a elaboração de projetos culturais que se constroem alicerçados na participação efetiva dos públicos.

Baseando-se em experiências pessoais e profissionais, Ana Amália Tavares Bastos Barbosa e Moa Simplício discutem, no artigo “Pensando a Acessibilidade”, alguns conceitos a respeito da formação de público em espaços culturais, considerando perfis de forma ampla e irrestrita.

No artigo “Produção, participação e formação cultural pela e para pessoa com deficiência”, Lígia Helena Ferreira Zamaro atrela o conceito de *acessibilidade cultural* à salvaguarda dos direitos culturais da pessoa com deficiência, conexão esta que se liga ao acesso à cidadania cultural da população em geral. Discute, ainda, o conceito de capacitismo, “pressuposição dos limites da capacidade e potência da existência de outra pessoa”.

Em seu ensaio “Eclipse”, o rapper Billy Saga tece brevemente uma autobiografia artística, ressignificando-a a partir da experiência da deficiência física, adquirida em decorrência de um grave acidente que o tornou paraplégico. Situação diante da qual o artista e produtor cultural vislumbrou uma oportunidade, de expressar sua arte, sua identidade e sua cidadania.

Em “Como pensar uma cidade, sua cultura, se não há acessibilidade?”, Luiz Alberto David Araújo pensa a cidade como um ambiente cultural, tendo como fundo o histórico das regulamentações e legislações que dispõem sobre os direitos das pessoas com deficiência, trazendo aspectos fundamentais para as conjecturas sobre o tema.

Cristiane Rose de S. Duarte e Regina Cohen, em “Afeto e emoção - sentimentos e sensorialidade: as pessoas com deficiência em seus trajetos urbanos”, abordam o espaço urbano da perspectiva dos caminhantes com deficiência ou mobilidade reduzida, considerando as sensações e percepções dos mesmos, em sua relação com os lugares por onde percorrem, tendo como objeto de estudo Rio de Janeiro, Salvador, Juiz de Fora e Brasília.

Na seção Gestão Cultural, ex-alunos do Curso Sesc de Gestão Cultural assinam quatro artigos que são o resultado de seus trabalhos de conclusão do curso.

A edição traz também três artigos inéditos sobre temas relacionados ao campo da educação e da cultura. Christian Dunker examina a obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, à luz do conceito psicanalítico de narrativas de sofrimento. Leandro Valiati e Paul Heritage analisam a noção de economia criativa e o desenvolvimento das indústrias criativas no Brasil. Aby Cohen apresenta seu próprio percurso a fim de discutir possibilidades de expor e criar cenografia.

A pesquisadora do Centro de Pesquisa e Formação Emily Fonseca de Souza resenha o livro *Civilização islâmica em trinta biografias: os primeiros mil anos*, de Chase Robinson, publicado pelas Edições Sesc.

Na entrevista com Izabel Maria Madeira de Loureiro Maior, pioneira do movimento social das pessoas com deficiência no Brasil e primeira pessoa com deficiência a comandar a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, entre 2002 e 2011, temos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a história dos direitos desses grupos no país, suas agruras e conquistas.

Ao final da revista, os leitores encontrarão, na seção Ficção, uma contribuição de Marcílio França, ilustrada por Zansky, e um ensaio de fotos de Claudio Zakka que dialoga com o tema desta edição.

Boa leitura!

**Danilo Santos de Miranda**

*Diretor do Sesc São Paulo*